

VIVA JOÃO — — CÉSAR MONTEIRO

Teatro Académico de Gil Vicente
Segunda, 18 de Fevereiro, 18h30

RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA

de João César Monteiro

Elenco: João César Monteiro, Manuela de Freitas,
Ruy Furtado, Teresa Calado, Luis Miguel Cintra
PT, 1989, 120', cor

Festival de Veneza:
Seleção Oficial em Competição

Primeiro filme da “trilogia de Deus”, é aqui que nasce a personagem alter-ego de João César Monteiro, João de Deus. Escreveu o próprio:

«Lisboa, 1989. Um pobre-diabo de meia-idade vive no quarto de uma pensão barata e familiar, na zona velha e ribeirinha da cidade.

Atormentado pela doença e por vicissitudes de ordem vária, o idiota, que se alimenta de Schubert e, quiçá, de uma vaga cinefilia como forma de resistência à miséria, é posto no olho da rua, após tentativa frustrada contra o pudor da filha da dona da pensão.

Sozinho, e privado de quaisquer recursos, vê-se confrontado com a dureza do espaço urbano e é internado num hospício, de onde sairá por ponderada decisão de homem livre, para cumprir uma missão “rica e estranha” que lhe é indicada por um velho amigo, doente mental como ele:

“Vai e dá-lhes trabalho!”

E aqui para nós, a rir a rir, algum tem dado...»

João César Monteiro



«É uma “*comédia lusitana*”? É uma tragédia portuguesa? É um filme de género? Como João de Deus responde a Henrique Viana que lhe pergunta se *A Morte de Empédocles* (a de Hölderlin, ou a de Straub?) é policial, a réplica exacta é a dele: “*Não! É celestial.*” Desse género é que é o filme. Sozinho, diante das estrelas, como no final de *SILVESTRE*, este é um filme sagrado. É também — uma vez mais — um grande filme romântico. Esgotaram a imaginação a inventar-lhe parentescos. Leiam o *Cesário*, o do *Sentimento de um Ocidental: “a dor humana busca os amplos horizontes / tem marés, de fel, como um sinistro mar.”* É possível viajar por estas RECORDAÇÕES com o poema de *Cesário* como lâmpada de bolso. Quem se desorientar, orienta-se com ele. Para chegar ao mesmo verso e à mesma conclusão. O lençol de Dreyer e a sombra de Murnau. Meus filhos, são filmes destes que, pousando, vos trarão a nitidez às vidas. A todas as vidas.»

João Bénard da Costa, *João César Monteiro — As Folhas da Cinemateca*, Ed. Cinemateca Portuguesa — Museu do Cinema

Teatro Académico de Gil Vicente
Segunda, 18 de Fevereiro, 21h30

VAI E VEM

de João César Monteiro

Elenco: João César Monteiro, Manuela de Freitas,
Rita Pereira Marques, Miguel Borges
PT/FR, 2003, 175', cor

Festival de Cannes:
Seleção Oficial Fora de Competição

João Vuvu, viúvo, sem família, à excepção de um filho que se encontra a cumprir pena de prisão por duplo homicídio e assalto a um banco à mão armada, vive sozinho em casa própria, ampla, soalheira e indiciadora de apreciável abastança, num bairro antigo de Lisboa, situado no sopé do Monte Olivete.

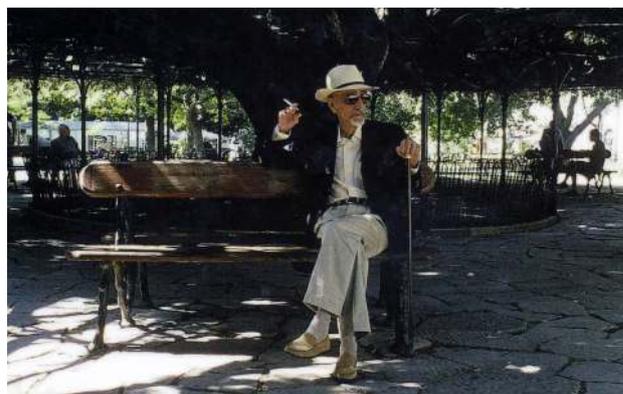
Pouco ou nada sociável, o senhor João Vuvu efectua diariamente o seu passeio no autocarro nº 100, repetindo infatigavelmente o mesmo trajeto: no sentido ascendente entre a Praça das Flores e o Jardim do Príncipe Real e, no sentido descendente, até ao ponto de partida e subsequente regresso a casa. Apenas alguns acidentes de percurso podem episodicamente alterar esse quotidiano que parece corresponder à vontade de isolamento do protagonista, à assunção de um exílio que o torna relapso a qualquer aproximação social.

A casa, onde livros e discos são as únicas companhias de João Vuvu, começa a requerer urgentemente os préstimos de uma mulher-a-dias que, com um mínimo de qualificações, teima em não aparecer. A saída do filho da prisão e a decepção que o seu desejo de regeneração provoca no pai, irá desencadear uma série de sombrios acontecimentos em que a índole criminosa do protagonista se manifesta e o condena a um destino definitivamente fora da lei e da comunidade.

Salvaguardadas as devidas diferenças, duas referências cinematográficas marcantes: THE FATAL GLASS OF BEER de W.C. Fields e MONSIEUR VERDOUX de Charles Chaplin.

João César Monteiro

«É a seguir a essa viagem que lemos no autocarro, onde, logo no princípio, víamos, em vez dos habituais anúncios, “A única luz é a do arcabuz”, a frase “Some came rambling”. No filme de Minelli de 1959, alguns (sobretudo verdade para Shirley MacLaine) passaram a correr. Neste, João Vuvu passou a *vaguear*, ou a *vadiar*. João de Deus, Max Monteiro, João Vuvu, ou seja quem for o personagem que João César Monteiro habitou entre



RECORDAÇÕES DA CASA AMARELA (1989) e VAI E VEM (2003) foi, acima de tudo, o Vagabundo. Talvez, depois de Chaplin, ninguém merecesse tanto esse nome como ele. [...]

Quando João Vuvu e Fausta (Manuela de Freitas) vão aos refrescos, antes de irem aos leões de São Bento e ao plano radicalmente mais subversivo do cinema português, Manuela de Freitas fala de irrealidade: “*Parece que estive não sei onde...*” Responde-lhe César. “*Tens essa impressão de irrealidade porque estiveste, de facto, no outro mundo, mas não te preocupes: regressaste viva de entre os espectros.*” “*Cheirava a mofo*”, comenta ela. “*É o cheiro do mundo das quimeras*”, explica ele.

Por mim, não sei bem explicar porquê, esse sentimento de irrealidade, parece-me acompanhar não só aquele longo plano fixo como quase todos os outros que se referem às mulheres de Vuvu (além das já mencionadas, Custódia, a da cara-sem-olhos, Narcisa, a “*Antigone with the wind*”, ou Bárbara, a mulher-polícia).

Os sinais exteriores são bastante reconhecíveis para quem conheça o cinema de César Monteiro com João César Monteiro. Lá estão, desde o começo, a árvore primordial e o Príncipe Real; João César Monteiro como só ele, inimitável e único; as meninas de João César, umas novas outras antigas, inimitáveis e únicas; os enquadramentos inimitáveis e únicos; a belicosa e coexistência entre o sagrado e o profano; o “*pas de plaisir sans pénis*”; a prodigiosa inventividade e riqueza dos melhores diálogos jamais escritos em português; as múltiplas citações e auto-citações.” [...]

VAI E VEM também pode ser o seu *Rosebud*. *Rosebud* (botão de rosa) é uma imagem recorrente de VAI E VEM.»

João Bénard da Costa, João César Monteiro — *As Folhas da Cinemateca*, Ed. Cinemateca Portuguesa — Museu do Cinema